



30^o CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO



25 a 29 de novembro 2024

Bibliotecas Fortes:
Sociedade Democrática Recife, PE

Eixo 3 – Formação e identidade profissional

Modalidade: trabalho completo

Discussão acerca das bibliotecas na década de 1990: análise da revista da escola de biblioteconomia da UFMG e da UnB

Discussion about libraries in the 1990s: analysis of the journal of the school of librarianship of UFMG and UnB

Bianca Vitoria da Silva – Universidade do Rio Grande do Norte (UFRN)

Gabrielle Francinne de S. C. Tanus – Universidade do Rio Grande do Norte (UFRN)

Resumo: A pesquisa tem como foco os discursos acerca da biblioteca, a partir dos artigos da *Revista de Biblioteconomia da UFMG* e da *Revista de Biblioteconomia de Brasília* publicados na década de 1990. Os periódicos científicos possuem uma grande relevância como canais de comunicação formal para a disseminação do conhecimento. Quanto aos objetivos, esta pesquisa se caracteriza como exploratória, qualitativa e utiliza a análise textual discursiva para a leitura dos artigos selecionados. Conclui-se que havia uma discussão social na época, sendo as bibliotecas concebidas como agentes de mudança, além dos discursos voltados para automação, gerenciamento, computadores e tecnologias, que também constituem parte da produção acadêmica.

Palavras-chave: Institucionalização da Biblioteconomia. Epistemologia da Biblioteconomia. Biblioteconomia brasileira.

Abstract: The research focuses on discourses about libraries, based on articles from the *Revista de Biblioteconomia* of UFMG and the *Revista de Biblioteconomia* of Brasília, published in the 1990s. Scientific journals play a highly relevant role as formal communication channels for the dissemination of knowledge. Regarding the objectives, this research is characterized as exploratory, qualitative and employs discursive textual analysis for the reading of selected articles. It is concluded that there was a social debate at the time, with libraries being conceived as agents of change, in addition to discourses focused on automation, management, computers, and technologies, which are also part of the academic production.

Keywords: Institutionalization of Librarianship. Epistemology of Librarianship; Brazilian librarianship.

1 INTRODUÇÃO

Compreender a dimensão epistemológica da Biblioteconomia pode perpassar por diferentes caminhos, um deles advém da sua institucionalização, principalmente, pelos caminhos do ensino e da pesquisa, tendo como produto desta conjuntura tantos os currículos quanto à produção acadêmica. Os periódicos são um dos canais formais de comunicação científica fundamental para a ciência, tanto para a materialização das ideias, divulgação, comunicação quanto para a consolidação e o fortalecimento de um campo científico, no caso, a ser analisado: a Biblioteconomia Brasileira. As autoras Cesarino e Vianna (1990, p. 41) acrescentam ainda que:

As primeiras revistas brasileiras da área também vieram trazer uma concepção um pouco mais moderna para o ensino, bem como reduzir a barreira linguística e oferecer um canal de comunicação para as experiências brasileiras a servir de instrumental didático para o ensino.

Os primeiros periódicos ligados às universidades que ofertavam o curso de Biblioteconomia são: Revista de Biblioteconomia da UFMG e a Revista de Biblioteconomia de Brasília, ambos criados na década de 1970. Assim, os dois objetos de estudos selecionados para esta pesquisa foram as revistas supracitadas, no que diz respeito a produção vinculada a década de 1990¹. A Revista de Biblioteconomia da UFMG teve seu primeiro volume publicado em 1972, sendo o último registrado em 1995, configurando 23 anos de publicação na área. Vale mencionar que a referida publicação passou a se chamar *Perspectivas em Ciência da Informação*, desde 1996, e continua até hoje sendo publicada pela, então, Escola de Ciência da Informação (antiga Escola de Biblioteconomia). Enquanto a Revista de Biblioteconomia de Brasília teve seu primeiro volume publicado em 1973, sendo o último registro em 2001, configurando em 28 anos de publicação na área. Embora, os dois periódicos à época fossem impressos, atualmente, todos os volumes e números encontram-se digitalizados e disponíveis na rede, o que facilitou o acesso e o desenvolvimento desta pesquisa.

É imprescindível compreender o que pesquisaram e publicaram décadas passadas para se entender o cenário histórico da Biblioteconomia, sobretudo, a partir de uma dimensão crucial que é o conceito de biblioteca. Outras dimensões conceituais

¹ As décadas anteriores (1970 e 1980) tem sido objeto de produção de outros trabalhos em processo e já publicados.

poderiam ser mobilizadas ou mesmo uma compreensão mais ampliada da Biblioteconomia, mas, o recorte em torno da biblioteca foi uma escolha intencional das autoras. Diante disso, a pergunta a ser respondida é: é possível depreender quais discussões acerca das bibliotecas nos dois principais periódicos da Biblioteconomia circulava na década de 1990? Os estudos epistemológicos na área são de suma importância porque buscam a partir de reflexões fortalecer a identidade da Biblioteconomia, e, com isso, avolumar as produções históricas de um campo que nem sempre se preocupa com a sua própria dimensão histórica e epistemológica.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa busca analisar discursos oriundos dos artigos da Revista da Escola de Biblioteca da UFMG e da Revista de Biblioteconomia de Brasília, publicados durante a década de 1990, por meio de uma abordagem qualitativa. A pesquisa bibliográfica visa explorar os artigos científicos referentes à década supracitada, configurando também a pesquisa como exploratória, conforme seus objetivos. De modo mais detalhado, esclarecemos que no primeiro momento foi realizada uma mobilização de todos os volumes e números da revista referente à década selecionada a fim de selecionar quais artigos seriam separados para a leitura na íntegra.

Dentre esse universo de centenas de artigos publicados durante a década foram excluídos: Notas de livros, Relatórios, Resumos de Teses. Interessante mencionar que muitos dos artigos publicados são originários de palestras realizadas nos eventos da área. Ficam excluídos também artigos de autoria de autores estrangeiros, tendo a revista de Biblioteconomia da UFMG, uma diversidade desses autores: Ling Hwey Jeng, Frederick Wilfrid Lancaster, Blaise Cronin, Estela Morales Campos, James P. Cooney.

Após essa sistematização de todos os artigos e exploração do material, partimos para a seleção intencional do que seria lido e produzido o fichamento. Destacamos que, durante a década de 1990, a Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG publicou (v. 1 ao v. 24) semestralmente, assim como a Revista de Biblioteconomia de Brasília publicou (v. 1 ao v. 25). Foram analisados 50 artigos (lidos e fichados) que possibilitasse a discussão acerca das bibliotecas. A análise textual discursiva é uma abordagem qualitativa de leitura, análise e interpretação dos discursos a partir da ação do



pesquisador (Moraes; Galiazzi, 2006). Dentre as limitações da pesquisa, está a dificuldade em lidar com um extenso corpus discursivo, em um curto espaço de tempo, visto que este trabalho é fruto dos esforços empreendidos na iniciação científica realizada durante um ano. Ao mobilizar os artigos, foi percebida uma concentração de produções fruto de autorias vinculadas às próprias instituições onde os periódicos estavam alocados. Essa percepção, considerada em nosso tempo como endógena, poderia ser também frente de uma continuidade da pesquisa orientada pelos estudos métricos, o que não foi nosso foco.

A seguir são apresentadas as leituras dos artigos em processo de interpretação e análise dos resultados.

3 DISCUSSÃO SOBRE AS BIBLIOTECAS

A discussão nos artigos da Revista de Biblioteconomia da UFMG perpassa por diferentes perspectivas sobre as bibliotecas e centros de documentação ou centros de informação. A autora Ana Maria Cabral, que publicou seu artigo em 1992, focalizou na “sociedade pós-moderna”, no que se refere ao poder da informação e das bibliotecas. De uma perspectiva mais ampliada, Müller (1990) discutiu a integração da comunicação, informação e biblioteca. Acerca das bibliotecas públicas, destaca-se Suzana Sperry (1993) que se preocupa com esvaziamento da biblioteca e estratégias para aproximar da população. Targino (1991) também enfatiza a biblioteca pública como instrumento de estímulo à construção da cidadania. A temática do “carro-biblioteca”, pelas autoras Lígia Maria Moreira Dumont (1990, 1995) e Odília Clark Peres Rabello (1995), é destacada pela via da importância da leitura e de ações de extensão.

Ana Maria Rezende Cabral relata que, uma sociedade pós-moderna necessita da informação, tornando-a um elemento essencial para o progresso e para a riqueza, diante disso, surge o fortalecimento da necessidade de bibliotecas ou centros de informação. A autora aponta a importância das bibliotecas, sua função e dever na sociedade, a saber:

A função social da biblioteca pode ser resumida em seu papel primordial de democratizar a informação. Porém, este papel pode ser estendido e tornar-se muito mais abrangente, desde que o bibliotecário se disponha a adotar uma postura de agente transformador, dirigindo seu trabalho no sentido de acionar e promover mudanças na sociedade, através de políticas de conteúdo emancipatório, que propiciem aos cidadãos fazer suas escolhas e opções, exercer plenamente seus direitos de cidadania e assumir a liderança de



movimentos reivindicatórios inseridos em projetos sociais mais amplos. É de fundamental importância que as bibliotecas/serviços de informação acompanhem a dinâmica do processo social e sejam constantemente redimensionados, com o propósito de traduzir os novos desejos e aspirações individuais e coletivos em formas concretas de realização, possibilitando o acesso aos bens culturais e às novas tecnologias da informação (Cabral, 1992, p. 220).

A pesquisadora Ana Maria Cardoso de Andrade (1991) discute a informação popular, assim como os centros populares de documentação e comunicação, tratando desses dois temas no período da Ditadura civil-militar brasileira. Outros aspectos são abordados sobre como essas informações populares podem auxiliar aqueles que as utilizam, assim como o centro pode auxiliar esses indivíduos. De acordo com Andrade (1991, p. 36-37), a pesquisa revelou uma unanimidade quanto à importância do trabalho com a documentação para apoiar a comunicação e, assim, contribuir com as lutas populares. Em contraste com as bibliotecas tradicionais, os Centros Populares de Documentação e Comunicação se diferenciam ideologicamente na percepção da função social da documentação e nas práticas de manejo da informação e comunicação, o que resulta em papéis distintos no contexto social.

As pesquisadoras Maria Augusta da Nóbrega Cesarino e Márcia Milton Vianna (1990, p. 38-39) retratam como fora o cenário do curso de Biblioteconomia da UFMG referente às bibliotecas públicas e como era todo o ambiente universitário quando se tratava das bibliotecas, as autoras esclarecem como era o âmbito da sociedade que se consolidou a graduação de Biblioteconomia:

A realidade da época apontava para um país pobre de bibliotecas públicas, com as bibliotecas universitárias começando a se firmar, e praticamente nenhuma demanda em relação às bibliotecas especializadas. Não havia pesquisa, científica ou tecnológica a pressionar a criação de mais bibliotecas especializadas. O curso, embora inserido no contexto cultural da cidade de Belo Horizonte, não vivia o ambiente da Universidade.

Eduardo José Wense Dias (1991) elaborou sua pesquisa em torno do empreendedorismo e da forma como as pessoas podem usar a criatividade e a inovação para criar um negócio ou gerenciar uma organização, como, por exemplo, as bibliotecas e centros de informação. Nos serviços de informação, por ser um ambiente em constante mudança, especialmente, com novas tecnologias, necessita de dinamismo, a biblioteca seria um exemplo dessas organizações que trabalham diretamente com a informação.



Ligia Maria Moreira Dumont (1990, p. 26) destaca o carro-biblioteca, e como esse “serviço levou o bibliotecário para fora, a encontrar o povo pela primeira vez no seu ambiente, ao invés de ficar esperando que o público fosse à biblioteca”. Fica evidenciada a importância do carro-biblioteca para as comunidades periféricas, trazendo o exemplo da experiência da demanda de leitura em um bairro periférico de Belo Horizonte. Além disso, o seu artigo aborda a leitura como ferramenta principal para o desenvolvimento social e para a melhoria de vida dos indivíduos que vivem em situação desfavorável. São várias as dificuldades, entre elas a falta de apoio do governo quanto às práticas de leitura e de ações extensionistas, o que torna uma problemática interna e externa para o desenvolvimento e efetivação da prática de leitura a partir do carro-biblioteca.

Outra produção de Lígia Maria Moreira Dumont, de 1995, aborda a história e a evolução dos carros-biblioteca no Brasil, destacando a importância dessa iniciativa para promover a leitura, especialmente em comunidades com pouco acesso a bibliotecas convencionais. Ela começa mencionando registros históricos de bibliotecas móveis ao redor do mundo, como camelos-biblioteca no deserto do Saara. No Brasil, o primeiro serviço foi inaugurado em 1936, por Mário de Andrade, em São Paulo. A pesquisa revela preferências de leitura dos usuários, com destaque para romances nacionais e estrangeiros, revistas e quadrinhos. A autora aborda as dificuldades em manter o interesse dos leitores após a novidade inicial, sugerindo a necessidade de um acompanhamento mais rigoroso, deixando claro também que o projeto enfrenta desafios, especialmente, relacionados à burocracia governamental.

Mary Stela Mueller, em 1990, apresenta a relevância da biblioteca e dos centros de informação. Os aspectos referentes à comunicação, à informação, à biblioteca e o bibliotecário são apresentados de forma crítica, e nas novas definições feitas na contemporaneidade não podem ser vistos como eram antes definidos, e sim como ferramentas de transformações sociais. Assim como, o bibliotecário é destacado como agente ativo nas questões sociais e agente da informação. Se entende, diante do exposto, que a comunicação na nova sociedade contemporânea é uma ferramenta de suma importância para as instituições como as bibliotecas, para a partir disso se consolidar ainda mais a disseminação das informações verídicas, a partir disso as bibliotecas necessitam de mudanças na atual “Era da informação”, a autora Muller



(1990, p. 21) reflete criticamente sobre o contexto brasileiro, marcado pelas mazelas e pelo analfabetismo:

De nada adianta a biblioteca situar-se, dentro do ponto de vista teórico, como um dos poucos modelos ideais de comunicação existentes, se, na prática, a maioria dos indivíduos/receptores não consegue sequer “decodificar” suas próprias necessidades de informação, como entender, então, a biblioteca?!

Muller (1990, p. 16) aponta a importância das bibliotecas na atualidade e quão poderosa ela são: “Na verdade, a biblioteca é ainda percebida, por grande parcela da sociedade, como símbolo de poder e erudição, fato este pouco surpreendente, quando se considera a realidade brasileira, particularmente o campo educacional no seio da cultura”. No entanto, seguindo a perspectiva de mudanças necessárias para serem aplicadas às bibliotecas, o cenário social em que as novas bibliotecas devem se adaptar para melhor satisfazer os usuários na atualidade é descrito pela autora Mueller (1990, p. 15) da seguinte forma:

Hoje, no entanto, se sobrepondo a idéia de biblioteca como uma forma de armazenamento e/ou organização do saber, a biblioteca no contexto da modernidade é, preferivelmente, uma rede de serviços de informações onde cada biblioteca — sozinha ou em cooperação — deve atuar como canal de distribuição central entre o desenvolvimento histórico da informação e do conhecimento em relação ao usuário da informação (no sentido mais amplo possível) e o conhecimento.

Ao tratar da biblioteca e seu papel na sociedade moderna, Muller (1990, p. 17) argumenta que as bibliotecas devem abandonar o modelo de instituição de “mão-única” onde o bibliotecário detém o poder sobre o conhecimento e concede seu uso aos interessados. Ela defende que as bibliotecas precisam se abrir para a participação ativa da comunidade, considerando a grande quantidade de analfabetos e semiletrados no país, e enfatiza a importância do papel do bibliotecário na realização desses objetivos. Ao se referir à comunidade a pesquisadora Mary Stela Mueller (1990, p. 19-20) afirma as seguintes ações necessárias para a consolidação do papel da biblioteca junto à comunidade:

Sabe-se, entretanto, que diálogo antecipadamente pressupõe interação/relação entre fonte e receptor, no caso, entre biblioteca e seus públicos. Mas, certamente, isto só ocorrerá se forem desenvolvidas estratégias de ação que estimulem efetivamente a comunicação entre as partes — biblioteca e públicos, públicos e biblioteca — favorecendo, assim, o estabelecimento de uma ‘linguagem comum’ (comunicação) no que tange à decisão / ação / transformação, influenciando-se mutuamente e, juntos, modificando o contexto onde se inserem.



Alcenir Soares dos Reis e Marlene Edite Pereira de Rezende (1995) destacam as comunidades e seu acesso à informação e à educação básica, além da importância da democratização da leitura para todos, como pode ser visto:

As camadas populares são em geral desprivilegiadas em vários aspectos e, principalmente, em relação ao acesso à informação e à educação. No que se refere à informação, as precárias condições das bibliotecas, desestimulam seus usuários. Esse fato reflete no interesse pela leitura, pela frequência à biblioteca e impede que essa desempenhe sua real função, ou seja, a de democratizar a informação (Reis; Rezende, 1995, p. 295).

Entende-se o quanto a biblioteca pode influenciar e ajudar uma comunidade a evoluir e progredir, expandir o conhecimento e democratizar a informação para todos. Diante desta conjuntura, Maria das Graças Targino (1991, p. 158), afirma da seguinte forma o papel da biblioteca na democratização da informação e na perpetuação a cidadania:

Então, ainda que a democratização da informação deva ser exercida, contínua e ininterruptamente, em qualquer biblioteca ou centro de documentação, é na biblioteca pública que ela assume maior dimensão, como instrumento de estímulo à construção da cidadania. Coloquemos à disposição dos cidadãos, qualquer que seja sua escolaridade, informações que lhes propiciem ir à luta, em busca de seus direitos e compreensão de seus deveres, para uma contribuição efetiva ao desenvolvimento de sua comunidade. No bojo de uma Biblioteconomia moderna voltada para o social e da pretendida popularização da biblioteca, independente da terminologia utilizada (biblioteca popular, biblioteca ação-cultural, biblioteca verdadeiramente pública...), implantamos, na condição de serviço regular e prioritário, a informação utilitária.

Targino (1991), em sua pesquisa sobre Biblioteconomia, informação e cidadania, destaca a transformação da biblioteca na era moderna, enfatizando seu papel como uma rede de serviços de informação. Além de simplesmente armazenar e organizar conhecimento, esta instituição traz consigo a importância da democratização da informação, especialmente em bibliotecas públicas, para consolidar a cidadania. Além disso, enfatiza a necessidade de os centros de informação fornecer dados confiáveis, úteis e atualizados para todos os cidadãos. A autora reconhece os desafios enfrentados pelas bibliotecas para serem reconhecidas como contribuintes essenciais para o desenvolvimento do país, dada a sua função de disseminação de informações para uma sociedade participativa e democrática.

A Revista de Biblioteconomia de Brasília abordou temas como tecnologias em bibliotecas; planejamento estratégico de bibliotecas públicas no Brasil; processo educativo na mediação da informação em biblioteca pública; bibliotecas na era digital;



marketing e gerência de biblioteca; fontes de informação utilitária em bibliotecas públicas; levantamento geral da automação de bibliotecas no Brasil, entre diversos outros. Autores como Emir Suaiden, Kira Tarapanoff, Sueli Angélica do Amaral, Sofia Galvão Baptista, Cavan Michael McCarthy e Fernanda Ivo Neves são importantes pesquisadores que contribuíram para o enriquecimento da produção acadêmica da Revista de Biblioteconomia de Brasília.

Começando com as contribuições da pesquisadora Sueli Angélica do Amaral, a temática de suas pesquisas foi sobre Marketing inserida nas bibliotecas. Em seu estudo de 1990, a autora aborda a aplicação das técnicas de marketing nas bibliotecas brasileiras, destacando a mudança de ênfase da era agrícola para a era industrial e, posteriormente, para a sociedade pós-industrial, onde a informação se torna essencial para o desenvolvimento socioeconômico. Amaral objetiva como o marketing pode melhorar o desempenho da biblioteca, tornando-a mais eficaz em seu papel como organização essencial para o desenvolvimento socioeconômico e cultural, como pode ser visto:

Fundamentalmente, na biblioteca onde se aplicam as técnicas de marketing, a ênfase é dada ao mercado. O mercado é constituído de usuários, que podem ser individuais e/ou institucionais, de acordo com a clientela da área de atuação da biblioteca. É imprescindível não só conhecê-los, como saber quais são os seus interesses, percepções, hábitos, etc. Não bastante, a biblioteca tem que acompanhar, constantemente, todas as mudanças que ocorrem no meio ambiente. Embora possamos gerenciar as mudanças, é preciso reconhecer que elas são inevitáveis. Daí o comprometimento do marketing com o planejamento estratégico, a fim de que as mudanças possam ser visualizadas, antecipadamente, para serem melhor administradas, utilizando-se inclusive as técnicas de análise ambiental (Amaral, 1990, p. 313).

Assim como na Revista de Biblioteconomia da UFMG, a Revista de Biblioteconomia de Brasília contém estudos referente à biblioteca pública, à cidadania e à Biblioteconomia. Tarapanoff e Suaiden (1995), Martucci (1997) abordam a biblioteca pública, como também a pesquisadora Bernadete Santos Campello (vinculada à UFMG), em 1998, construiu seu estudo tendo como base informações utilitárias em bibliotecas públicas (bibliotecas populares). Diante disso, a autora apresentou como a biblioteca pode contribuir para a cidadania da seguinte forma:

O conceito de biblioteca popular, em evidência durante algum tempo na literatura de Biblioteconomia no Brasil, incluía o serviço de informação utilitária como um dos que deveriam ser prestados pela biblioteca para atender aos usuários com dificuldade para obter este tipo de informação, por desconhecerem as fontes adequadas. A biblioteca popular incorpora a idéia



de que o serviço de informação utilitária tem a finalidade não apenas de resolver problemas, mas, também, de ser um elemento motivador para discussões sobre a cidadania (Campello, 1998, p. 39).

Quando se aborda as novas tecnologias inseridas nas bibliotecas o autor José Juan Péon Espantoso (1999/2000), discute essas novas ferramentas. A ideia é que elas sejam capazes tanto de ajudar nas necessidades dos usuários quanto de melhorar os serviços dos bibliotecários. A partir das tecnologias os usuários, por sua vez, conseguem acessar os acervos de uma forma mais simples e eficaz para a utilização das informações úteis que estão buscando. A biblioteca, ao ser inserida neste universo mais tecnológico, aprimorou a gestão, o armazenamento e a organização da informação. Diante disso, o autor Espantoso (1999/2000, p. 135) afirma:

A rápida introdução de novas tecnologias nas bibliotecas trouxe uma série de modificações na maneira com que estas são organizadas e administradas. Antes as bibliotecas estavam fortemente concentradas na sua função de preservar registros para serem utilizados no futuro. Esta função ainda continua, mas agora os serviços voltados para o usuário, satisfazendo-o de suas necessidades de informação da melhor forma possível, estão ganhando prioridade.

José Afonso Furtado, em 1998, discute em sua pesquisa a transformação das bibliotecas na era digital e destaca que as rápidas mudanças tecnológicas têm gerado diferentes interpretações sobre o papel da biblioteca. Na era digital, a Internet influencia a função da biblioteca, mas ressalta a necessidade de transformações para se adaptar à nova realidade cultural e tecnológica. A ideia de uma biblioteca universal persiste desde a antiguidade, mas hoje, na era digital, há desafios devido à imensidão informacional online, sendo assim a biblioteca moderna surgiu como resposta à sociedade da informação. Agora, as bibliotecas enfrentam o desafio de se adaptar à revolução digital, repensando suas funções diante do novo ambiente de informações rápidas e digitais.

Furtado (1998) destaca a importância da Internet, mas alerta que ela não pode ser considerada uma biblioteca, pois falta organização e critérios de seleção. No entanto, reconhece que as bibliotecas precisam integrar as ferramentas online em suas coleções. Além disso, discute a necessidade de repensar a organização e disseminação da informação, assim como a construção de coleções diante de variadas fontes digitais. Mediante tudo que foi exposto, o autor Furtado (1998, p. 10), afirma:

Muito embora a Internet não possa, visivelmente, ser uma biblioteca, o destino das bibliotecas na era digital está irremediavelmente ligado às grandes redes de informação e comunicação. Não só porque as bibliotecas tenderão progressivamente a participar numa futura rede global, mas



também porque é imprescindível integrar os recursos da Internet na coleção de cada biblioteca. Integração que deverá ser assegurada com precauções críticas e num duplo sentido: possibilitar ao utilizador acesso à Internet, mas um acesso com valor acrescentado (serviços de apontadores, catalogação de recursos remotos, associação de URLs no catálogo local, etc.) e procurar diminuir a distância entre o material disponível em rede e o material existente nas coleções, de modo a que o utilizador consiga encontrar maior coerência entre eles e deixe de os sentir como espaços de informação fundamentalmente diversos.

Continuando neste mesmo cenário da Era digital, Tatiara Paranhos Guimarães, em 1999, apresenta um estudo sobre o uso e o papel promocional do site de biblioteca: o caso da Biblioteca Central da Universidade de Brasília. Ela descreve o caso universitário que coloca a biblioteca e os sites como uma ponte para os usuários, a saber:

As bibliotecas vêm, cada vez mais, elaborando e disponibilizando seus sites na Internet, seja para melhorar a comunicação com os usuários, para disponibilizar serviços e produtos de informação ou para se promover. A promoção em unidades de informação vem mudando de acordo com a evolução tecnológica, ou seja, as bibliotecas estão se promovendo on-line, por meio de seus sites na Internet (Guimarães, 1999, p. 109-110).

Outra afirmação da autora Guimarães (1999, p. 117):

A Internet, com todo o seu aparato tecnológico, possibilita maior interação entre a biblioteca e seus usuários. O site deve ser usado no sentido de aprimorar o relacionamento entre usuário e biblioteca, abordagem recomendada pelo marketing.

Diante desse contexto, a autora evidencia que a sociedade contemporânea evoluiu e as instituições devem evoluir junto. Com isso, torna-se evidente a necessidade de as novas tecnologias serem inseridas nas bibliotecas, assim como sites, computadores e catálogos online. Observa-se, portanto, que as narrativas se consolidam em ambas as revistas em prol de um fortalecimento das bibliotecas. Outra autora que em sua pesquisa aborda o novo paradigma em que a biblioteca está inserida é Maria Lucia dos Santos Guimarães, que relaciona os novos usuários e a nova sociedade no âmbito da biblioteca. Guimarães (1999/2000, p. 191) descreve da seguinte forma:

O novo paradigma está focado no cliente e nas necessidades deste. A biblioteca está se transformando em um espaço sem paredes, onde clientes e necessidades de informação estarão conectadas, quer seja através de materiais físicos, redes de telecomunicações etc., quer seja através de mecanismos que se tornarão disponíveis amanhã.

Ao observar a perspectiva de Maria Lucia dos Santos Guimarães e Tatiara Paranhos Guimarães, é perceptível que ambas analisam a biblioteca pelo parâmetro social em que a internet e as novas tecnologias estão inseridas, transformando não



apenas a biblioteca como os usuários (nomeados de clientes). Consequentemente, surgem novas formas de se utilizar a informação, assim como novos meios de buscá-la e localizá-la. Os profissionais também precisam se adaptar a essa nova realidade da “Era da Informática”, as autoras May Brooking Negrão e Sônia Regina Céu Bertonazzi (1990, p. 276-277) exemplificam a situação no seguinte cenário:

O conceito de que na Era da Informática a pessoa que não souber manusear um computador pode ser comparada a um analfabeto, ainda não foi de todo compreendido por algumas pessoas que trabalham em bibliotecas. Pela nossa experiência e pela participação em eventos, constatamos a falta de conhecimento acima do desejável em relação aos recursos do microcomputador. O medo do desconhecido, uma reação comum a muitas pessoas, cria uma resistência inicial que tem que ser vencida. Hoje na Divisão de Bibliotecas do CCSP, o microcomputador é um elefante branco dócil ao comando de seus domadores. Neste caso, não houve restrições quanto às qualificações para ser um executor de comandos ou programador de aplicativos. Talvez tenha sido esta a vantagem nesta implantação, a participação de todos nas deliberações e em todas as fases de execução do projeto. Nada de meros digitadores ou recuperadores da informação, mas a estes atributos uniram-se o de planejador e de programador com a utilização dos três softwares.

A pesquisadora Elisabeth Márcia Martucci, em 1997, elaborou uma pesquisa referente ao processo de pesquisa nas bibliotecas públicas. Segunda a perspectiva da autora, os alunos geralmente só querem copiar trechos de livros didáticos para cumprir tarefas escolares, e a biblioteca acaba sendo usada só para isso. A biblioteca parece não estar ajudando os alunos a desenvolverem habilidades mais amplas de pesquisa. Além disso, existem alguns problemas que impedem o crescimento desse modo de usar a biblioteca, como falta de material e treinamento. No fim, para a autora, fica claro que algo precisa mudar para tornar a biblioteca mais útil e educativa. Martucci (1997, p. 182) ainda afirma que esta situação não se distancia ao se observar as bibliotecas escolares e apresenta sua experiência com biblioteca escolar da seguinte forma:

A biblioteca escolar poderia ser o fator descondicionante da visão da leitura como sinônimo de obrigação escolar, onde o estudante teria oportunidade de fazer suas opções de leitura, de acordo com seus interesses e motivações. Mas, a biblioteca escolar sofre seríssimas restrições em sua estruturação e funcionamento, pela falta ou descontinuidade de políticas oficiais, o que é confirmado pela ida dos estudantes à biblioteca pública.

A automação das bibliotecas é ainda uma temática recorrente na década de 1990. Os autores Cavan Michael McCarthy e Fernanda Ivo Neves, em 1990, realizaram um levantamento geral da automação de bibliotecas no Brasil. Eles apresentaram uma pesquisa sobre a introdução da automação das bibliotecas no Brasil, conduzindo um



estudo para identificar as bibliotecas brasileiras que utilizam computadores, analisando processos automatizados, participação em redes e uso de microcomputadores. Os resultados, baseados em respostas de 56 bibliotecas, indicaram uma concentração de automação em estados mais desenvolvidos, com ênfase na catalogação. Os autores sugeriram que a Biblioteconomia brasileira atingiu um ponto de massa crítica na automação, indicando um futuro promissor nesse campo. Além disso, destacaram a falta de integração e a diversidade de sistemas e redes no cenário brasileiro, em comparação com mercados estrangeiros mais consolidados.

Outro ponto relevante neste período é a administração, especialmente na gerência. O autor Silas Marques de Oliveira (1997, p. 4) afirma a necessidade da Administração no curso de Biblioteconomia da seguinte forma:

As bibliotecas e centros de informação que desejarem exercer uma função útil em suas comunidades precisam ser geridas por administradores que adotem princípios que gerentes de outros setores já utilizam como ferramentas de sobrevivência de suas organizações. A adoção de técnicas administrativas eficazes, como auxiliares no gerenciamento das bibliotecas, permitirá uma escolha de soluções que possibilitarão aos gerentes daquelas a utilizarem mais adequadamente os recursos disponíveis, bem como implantarem serviços mais eficientes.

No mais, a biblioteca, em ambas as revistas, é vista como uma instituição essencial para o desenvolvimento socioeconômico. Além disso, a nova Era da Informação e Informática mudou a Biblioteconomia internamente. A biblioteca está vinculada aos discursos acerca da importância dela efetivamente na comunidade e, conseqüentemente, no atendimento das necessidades informacionais das pessoas, as quais podem ser por meio das informações utilitárias (termo usado na década). Além disso, as comunidades menos afortunadas devem ser atendidas pelas bibliotecas, sobretudo, pelas bibliotecas públicas. Diante disso, a instituição necessita elaborar novos métodos e ferramentas em prol da melhoria econômica, intelectual e educacional de qualquer comunidade que servir. Outros pontos, como novas adaptações da Biblioteconomia, a administração das bibliotecas e um currículo adequado o suficiente para compreender os novos aspectos da informática, assim como novas tecnologias e ferramentas que a nova Era dispõe, são de suma importância para um melhor desenvolvimento das bibliotecas e para que, a partir disso, ela seja adequada à nova sociedade contemporânea.



4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos artigos publicados na Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG durante a década de 1990, juntamente com contribuições relevantes da UnB, revela um período de intensas transformações na Biblioteconomia. Dentro de uma análise contextual os estudos mais sociais da área parecem ser uma contrarresposta às décadas anteriores marcada pela Ditadura Civil-Militar brasileira. As sequelas que se desdobraram a partir deste período violento da história são retratadas:

São inúmeras as questões que permanecem sem resposta neste campo da documentação e comunicação populares, campo ainda pouco explorado e que prefere se manter afastado do desvelamento para evitar os perigos que ainda estão recentes em sua memória: repressão, censura, destruição de arquivos, prisões e outros mais que afetam a quem se dispõe a documentar e comunicar uma história que os detentores do poder negam existir (Andrade, 1991, p. 40).

Nessa direção de olhar para a história e o contexto daquele momento é percebido o discurso de uma “Era da Informação” ou “Era digital”, que se traduz na contínua discussão das novas tecnologias, da automação, da introdução de microcomputadores, que transformaram o acesso aos acervos e outros serviços. Essa transformação digital redefiniu a função das bibliotecas, de meros repositórios de livros a espaços dinâmicos de acesso digital e apoio à pesquisa, pelo menos como pretensão teórica. Nessa direção discursiva, a eficiência na organização da informação foi apontada como fundamental para a melhoria dos serviços bibliotecários, estes vistos como “gestores de recursos informacionais” (Vieira; Campello; Paim; Tavares, 1990) ou mesmo como “profissionais da informação”, termo que recebe mais espaço na década seguinte, mas não sem críticas (Souza, 1990).

A implementação de tecnologias de automação e gestão de acervos permitiu uma maior precisão e rapidez no atendimento às demandas dos usuários, além de facilitar a administração interna das bibliotecas. Uma análise do impacto das novas tecnologias pode ser conferida na produção de Suaiden (1990). Essa mudança tecnológica implicou a necessidade de adaptação dos bibliotecários e da preocupação com a “educação continuada”, como exposto por Nice Figueiredo (1991, 1993). O estudo de Furtado (1998) destaca que, a Internet não pode ser considerada uma biblioteca; contudo, a integração de recursos online é crucial para manter a relevância das bibliotecas na era digital. Tatiara Paranhos Guimarães (1999) reforça a importância de

promover o uso de sites de bibliotecas e melhorar a interação entre usuários e bibliotecários.

A gestão e a administração das bibliotecas também passaram por uma preocupação notável. A adoção de técnicas administrativas eficazes e a formação de bibliotecários capacitados para lidar com as novas exigências tecnológicas e organizacionais foram fundamentais para essa transformação. Silas Marques de Oliveira (1997) e José Juan Péon Espantoso (1999/2000) destacam a importância de uma administração eficiente para a modernização das bibliotecas. Discussões sobre administração e gestão (além da automação, tecnologia, computador), são mais centrais na revista de Biblioteconomia da UnB.

A relação entre a biblioteca e o bibliotecário se mostrou intrinsecamente ligada às mudanças tecnológicas e sociais, tendo a informação (em especial, a “informação utilitária”) uma condição especial para o fortalecimento da democracia e da cidadania (Targino, 1991), abrindo caminhos para os estudos em “Informação e Cidadania”. A discussão acerca da informação vai ganhando mais espaços e produções que sinalizam seu poder e valor ideológico (Targino, 1991, Cabral, 1992, Mostafa; Maranon, 1992), inclusive de modo que a adoção da informática se manifesta em estruturas de poder dentro da área (Souza, 1990). Uma dimensão crítica e social da Biblioteconomia se manifesta em tais produções, especialmente nos artigos publicados na revista de Biblioteconomia da UFMG.

As críticas destacadas por diversos autores revelam um cenário em que as bibliotecas, embora modernizadas tecnologicamente, ainda enfrentavam desafios decorrentes das desigualdades sociais. As bibliotecas públicas, em particular, foram alvo de críticas por estarem mais acessíveis a classes privilegiadas, reforçando as desigualdades sociais. Esse contexto ressalta a necessidade de um compromisso social e político por parte dos bibliotecários, que devem atuar como agentes de transformação social, promovendo a inclusão e a democratização do acesso à informação. Diga-se de passagem, em um país que carecia e ainda carece de mais e melhores bibliotecas públicas, bibliotecas escolares e centros de documentação popular. E, por mencionar as bibliotecas escolares, destaca-se que elas estão ausentes como foco central nas produções acadêmicas das duas revistas.

Em suma, a década de 1990 foi um período marcado por mudanças sociais, econômicas, políticas que reverberam no campo científico da Biblioteconomia. A evolução tecnológica trouxe oportunidades e desafios que exigiram uma abordagem inovadora e contínua capacitação profissional. A relação simbiótica entre a modernização das bibliotecas e a qualificação dos bibliotecários foi fundamental para assegurar que as bibliotecas continuassem a desempenhar seu papel crucial na democratização da informação e no apoio ao desenvolvimento educacional e social. As instituições de ensino, como a UFMG e a UnB, tiveram um papel vital nesse processo, fortalecendo a formação acadêmica e promovendo a pesquisa na área de Biblioteconomia. É importante mencionar que tais universidades sediavam os programas de pós-graduação em Ciência da Informação², os quais a partir do desenvolvimento das pesquisas, geravam as produções científicas materializadas nos artigos.

Como continuação de futuras pesquisas, seria interessante aprofundar no retrato das autorias e suas vinculações institucionais, realizando um mapeamento geral das temáticas publicadas nos periódicos de forma bibliométrica. Além disso, seria útil verificar as distinções quanto às linhas editoriais, os editores e as publicações nos periódicos acadêmicos. Por fim, uma análise discursiva mais ampliada envolvendo a produção acadêmica pode ajudar a compreender a Biblioteconomia brasileira.

REFERÊNCIAS

AMARAL, S. A. do. Marketing e gerência de biblioteca. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 18, n. 2, p. 311–317, 1990.

ANDRADE, A. M. C. Novas possibilidades em informação popular. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, 1991.

CESARINO, M. A. N.; VIANNA, M. M. O curso de graduação em Biblioteconomia da UFMG. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 19, n. esp., 1990.

² Na UFMG, o Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia, criado em 1976, passou a ser em Ciência da Informação em 1996. No ano seguinte, inicia-se o Doutorado em Ciência da Informação. Na UnB, foi criado em 1978, o Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia e Documentação, tendo seu nome alterado para Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, em 1992, mesmo ano da criação do Doutorado. Uma década marcada também pela mudança dos nomes das escolas, departamentos, faculdades, periódicos para a Ciência da Informação.



- CABRAL, A. M. R. Sociedade pós-moderna: o poder da informação - o poder de informar. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 21, n. 2, 1992.
- CAMPELLO, B. D. S. Fontes de informação utilitária em bibliotecas públicas. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 22, n. 1, 1998.
- DUMONT, L. M. M. A ação do carro-biblioteca ou, o desafio de se incentivar o gosto pela leitura em comunidades de baixa renda. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 19, n. 1, 1990.
- DIAS, E. J. W. O papel do empreendedor na gerência de bibliotecas e serviços de informação. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, 1991.
- DUMONT, L. M. M. Carro-biblioteca e leitura no brasil: um binômio inseparável. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, 1995.
- ESPANTOSO, J. J. P. O arquiteto da informação e o bibliotecário do futuro. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 23-24, n. 2, n. especial, 1999/2000.
- FIGUEIREDO, N. M. Reflexões em torno da formação e da educação continuada do profissional bibliotecário. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, 1991.
- FIGUEIREDO, N. M. Metodologias inovadoras para a educação continuada de bibliotecários. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 22, n. 2, 1993.
- FURTADO, J. A. Bibliotecas na era digital. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 22, n. 1, 1998.
- GUIMARÃES, T. P. Uso e papel promocional do site de biblioteca: o caso da Biblioteca Central da Universidade de Brasília. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 23, n. 1, p. 109–118, 1999.
- GUIMARÃES, M. L. D. S. Atuação do profissional bibliotecário da biblioteca central da Universidade Estadual do Maranhão. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 23-24, n. 2, n. especial, 1999/2000.
- MARTUCCI, E. M. Processo educativo na mediação da informação em biblioteca pública: um estudo fenomenológico. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 21, n. 2, p. 167–188, 1997.
- MCCARTHY, C. M.; NEVES, F. I. Levantamento geral da automação de bibliotecas no Brasil. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 18, n. 2, p. 51–57, 1990.
- MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Ciênc. educ.**, Bauru, v.12, n.1, abr. 2006.
<https://doi.org/10.1590/S1516-73132006000100009>

MOSTAFA, Solange Puntel; MARANON, Eduardo Ismael Murguia. O Segredo, a Informação e a cidadania. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 21, jul./dez. 1992.

MÜLLER, M. S. Comunicação, informação, biblioteca: uma abordagem integradora - um questionamento. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 19, n. 1, 1990.

NEGRÃO, M. B.; BERTONAZZI, S. R. C. Um microcomputador no dia a dia de uma biblioteca pública: relato de uma experiência. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 18, n. 2, p. 267–277, 1990.

OLIVEIRA, S. M. O ensino de administração nos programas das escolas de Biblioteconomia no Brasil. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 21, n. 1, 1997.

RABELLO, O. C. P. O impacto da extensão universitária: reflexões sobre a ação do carro-biblioteca da escola de Biblioteconomia da UFMG. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, 1995.

REIS, A. S. D.; REZENDE, M. E. P. Escutando a comunidade: em discussão a extensão junto a camadas populares. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, 1995.

SOUZA, F. D. C. Biblioteconomia, informação e poder. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 18, n. 2, 1990

SPERRY, S. A verdade oculta na população sobre a biblioteca pública: solução para revisar seu papel. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 22, n. 2, 1993.

SUAIDEN, E. J. Novas tecnologias em bibliotecas. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 18, n. 2, 1990.

TARGINO, M. D. G. Biblioteconomia, informação e cidadania. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, 1991.

TARAPANOFF, K.; SUAIDEN, E. J. Planejamento estratégico de bibliotecas públicas no Brasil: histórico, crise e perspectivas. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília v. 19, n. 2, 1995.

VIEIRA, Anna da Soledade; CAMPELLO, Bernadete Santos; PAIM, Isis; TAVARES, Mauro Calixta. Demanda de mercado por gerentes de recursos informacionais: um estudo preliminar. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 19, n. 2, 1990.